



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

É com grande satisfação que lançamos o v. 7, n. 1, 2021 de *ECO-REBEL*, inteiramente dedicado à Análise do Discurso Ecológico (ADE). Diante da grande quantidade de modelos de Discursística já existentes no mercado, o leigo poderia perguntar o que a ADE tem de novo. Cremos que os artigos que integram este número da revista respondem à pergunta pelo menos em parte. Porém, como se trata de uma teoria relativamente nova e ainda pouco conhecida, abrimos o número com um texto teórico, cujo objetivo é dizer o que é ADE. Trata-se de “Ecosystemic Discourse Analysis (EDA)” de Hildo Honório do Couto; Elza Kioko N. N. do Couto; Anderson Nowogrodzki da Silva. O fato de ele estar em inglês pode dificultar o acesso para algumas pessoas, mas o artigo seguinte, de Márcio Silva, já responde em grande parte a pergunta sobre o que é ADE. No artigo em inglês, pode-se ver que o diferendo da ADE frente às ADs já existentes é o fato de enfatizar a defesa da vida, juntamente com uma luta contra o sofrimento evitável, e, uma vez que é parte da Linguística Ecológica, vê a língua como interação, ou interação comunicativa, mesmo quando se debruça sobre textos-discursos aparentemente monológicos. Na verdade, há um outro diferendo: tradicionalmente não se tem feito análise de textos-discursos abstratos, tais como os filosóficos e científicos. Quando se faz é para salientar aspectos político-ideológicos. A ADE, por ver a língua de uma perspectiva holística, pode se debruçar sobre eles também, mas partindo da ecoideologia (ou ideologia da vida). No mais, ele faz tudo que os demais modelos de AD fazem, mesmo porque ele é multidisciplinar e multimetodológico.

Em seguida, vem o artigo de Márcio M. G. Silva, “Um estudo do discurso do ex-capitão Jair Messias Bolsonaro pela Análise do Discurso Ecológico”. Esse ensaio tem duas facetas principais. A primeira é esclarecer melhor alguns conceitos já conhecidos, bem como propor outros. Mas, o objetivo central do artigo é analisar e comentar de forma crítica as falas de Bolsonaro. Dando continuidade ao que já fizera no número anterior da revista (*ECO-REBEL* v. 6, n. 2, 2020), o autor tem uma visão altamente crítica sobre o presidente. Para se ter uma ideia, ele é equiparado a Hitler e Mussolini, entre outros da mesma laia. Mostra outrossim que Bolsonaro não se preocupa com a comunhão entre todos os brasileiros, além de não saber dialogar, mas só impor sua opinião, mesmo que seja contra evidências científicas, pois ele é negacionista. O discurso e a prática de Bolsonaro estão nos antípodas do desiderato da ADE. Márcio lembra, adicionalmente, que seria interessante substituir a expressão ‘análise do discurso’ por ‘discursística’ e usar o composto ‘texto-discurso’ em vez de apenas ‘discurso’, pois todo discurso vem

ECO-REBEL

materializado em algum texto. A visão integradora, contrária à segmentadora tradicional, recomenda essa junção.

O terceiro artigo é “ADE, vida na face da terra e coronavírus”, de Márcio M. G. Silva e Ubirajara M. Fernandes. Neste texto já não se encontra o tom crítico às atitudes de Bolsonaro. Ele se dedica a falar do impacto do vírus. Os autores mostram que houve um grande impacto não apenas na dimensão natural da vida na face da terra, mas também na vida mental das pessoas e na sociedade. O impacto na natureza não humana até certo ponto foi positivo, pois fez os humanos se conterem um pouco em sua atitude predatória, devastadora e poluidora, com o que houve uma grande melhoria na qualidade das águas, do ar e da vegetação em grande parte do mundo. No nível mental o impacto foi em grande medida negativo, levando as pessoas a terem problemas comportamentais, como agressividade, neuroses etc., mas também algo positivo, como voltarem-se para o próprio interior (reflexão, meditação) e dar mais atenção à família. No nível socioeconômico, o impacto foi largamente negativo, com falência de empresas (grandes, médias e pequenas), desemprego, fome, distanciamento social, impossibilidade de manifestações de afetividade etc. Houve intensificação de interações virtuais, o que seria algo positivo, pois permite a comunicação com quem está na sala ao lado, ou até mesmo na mesma sala, da mesma forma que se comunica com quem está do outro lado do mundo, a despeito do fato de diminuir o calor dos encontros pessoais.

O artigo número quatro, “Notas sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo na Análise do Discurso Ecológico”, de Ubirajara Moreira Fernandes, trata de algo geralmente ignorado pelos estudiosos não só de ADE, mas também pelos de outras versões de Análise do Discurso, ou Discursística. O autor faz uma clara distinção entre dor (natural) e sofrimento (natural, mental), por um lado, e respeito e compaixão, por outro. Dor e sofrimento existem no ego, ao passo que respeito e compaixão são transitivos, são sentimentos de ego em relação a aliter. Precedendo todos eles, vem o medo, sentimento que leva o indivíduo a evitar situações que levem a sofrimento/dor ou a respeitar o espaço do outro (respeito) e, se for o caso, ter comisseração por seu sofrimento (compaixão).

O quinto artigo é das jovens investigadoras Lais Machado e Silva & Lajla Simião, “A descriminalização do aborto enquanto meio de manutenção da vida – A perspectiva da ADE”. Trata-se de uma questão bastante polêmica, o aborto. Deixando de lado os casos permitidos pela lei, o dilema morte da mulher *versus* morte do feto é muito sério. As autoras mostram que descriminalizar o aborto leva, ao contrário do que se pensa, à diminuição de mortes, inclusive de fetos, sobretudo se ela for seguida de informação e facilitação de métodos contraceptivos. Laís & Lajla mostram que a ADE é um arcabouço teórico bastante adequado para se tratar da questão, justamente pelo fato de defender a vida e lutar contra sofrimentos evitáveis

No sexto artigo, “Um estudo da relação islã-terrorismo pela Análise do Discurso Ecológico”, de Djiby Mane, que é muçulmano, argumenta no sentido de que os princípios do Islamismo registrados no livro sagrado *Alcorão* não justificam atos de terrorismo de grupos que se dizem jihadistas. Esses grupos são uma espécie de aberração, que nada tem a ver com os princípios do Islamismo, que é uma religião da paz e que apregoa evitar-se o que possa trazer sofrimento às pessoas.

O artigo de número sete, “Uma leitura discursivo-ecológica do conto ‘Maria’ de Conceição Evaristo”, de Michelly Luiz e Elza do Couto, mostra o sofrimento que as pessoas negras têm no Brasil pelo simples fato de serem negras, o que lhes causa grandes sofrimentos de todo tipo, como o físico, o mental e o social. A despeito de tudo, o simples fato de literatura como esta estar ganhando terreno já é algo alvissareiro, no sentido de se aceitarem mais a diversidade e as relações harmônicas entre as pessoas.

ECO-REBEL

O oitavo artigo, de Tadeu de Andrade, “A vulnerabilidade juríslinguística do consumidor à luz da Análise do Discurso Ecológica”, discute a fragilidade do consumidor numa situação de disputa judicial com fornecedores de mercadoria. A ADE, por seu caráter prescritivo, fica do lado do consumidor, propugnando pelo uso de termos inteligíveis a ele em disputas judiciais a fim de se ter uma interação justa e harmoniosa.

Em seguida, vem uma entrevista com Rui Ramos, da Universidade do Minho (Portugal), com ideias bastante originais e que provocam reflexão. O professor Rui revela um bom conhecimento da Análise do Discurso Ecológica.

Lamentavelmente, temos que publicar mais um obituário, no caso, de Adam Makkai. O professor Makkai era um poliglota de origem húngara que praticou durante muitos anos a Linguística Estratificacional, na Universidade de Illinois, Chicago, teoria que vê como ‘redes de relações’ (*relational networks*) o que para outras teorias é “estrutura”. Sua maior contribuição à história da Ecolinguística é o livro *Ecolinguistics: ¿Toward a new **paradigm** for the science of language?* (Londres: Pinter Publishers, 1993). Esse livro engloba ensaios que vinha publicando no espírito da visão ecológica de mundo desde o início da década de setenta do século passado.

Como codicilo gostaríamos de dizer que pode ter parecido estranho alguns autores falarem da ADE como ‘Análise do Discurso Ecológica’ e outros como ‘Análise do Discurso Ecológica’. O termo original é o segundo, mas, devido ao fato de haver outras correntes fora do Brasil que o usam, por volta de final de 2018 e começo de 2019 houve uma mudança de nome para Análise do Discurso Ecológica. No entanto, o nome ‘Análise do Discurso Ecológica’ pode continuar sendo usado, mesmo que o nome preferido seja ‘Análise do Discurso Ecológica’, pelo fato de ela ser parte da Linguística Ecológica. O importante é que nos dois casos trata-se de ADE inserida na visão ecológica de mundo.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 7, n. 1, 2021.